

MANOEL DE BARROS: OS “DESPROPÓSITOS” DA POESIA

Bianca Albuquerque da Costa

O que pode ser matéria de poesia? Ao perpassar os olhos por alguns dos textos de Manoel de Barros, o leitor percebe que a poesia se constrói efetivamente pelo inesperado, pelo choque entre sua comum percepção e a singular criatividade do autor. Afinal, como não se surpreender com uma produção literária que nos instiga a embarcar numa leitura em que tudo aquilo que consideramos sem importância ganha status de poesia?

Num primeiro contato com a poesia de Barros, não há como captar toda a essência, engenho e arte envolvidos no fazer poético deste “encantador de palavras”. Inesperadamente, o leitor descobre que lixo, lama, latas, caixotes, árvores, rios, lesmas, ou seja, tudo que o homem rejeita por achar não ter mais valor, aquilo que está em ponto de traste, desgastado, esquecido, pode ser, e é, matéria de poesia para Manoel de Barros. Através da utilização destes vocábulos, o poeta parece fazer uma crítica à sociedade que, de tão voltada para si mesma e de tão preocupada com o acúmulo de riquezas, acaba por esquecer de valorizar aquilo que vem da terra, da natureza, isto é, as “coisas primeiras”.

O fazer poético barrense está calcado no trabalho árduo com as palavras. Há uma busca constante pela palavra que melhor se ajuste, que melhor aceite o novo sentido, a nova roupagem, que o poeta lhe destina. Por isso existe a preferência por palavras não muito utilizadas ou já praticamente esquecidas, pois uma palavra que não está no auge de sua significação está mais suscetível a aceitar a nova moldagem fabricada pelo poeta. Há uma relação tão intensa do poeta com as palavras que elas mais parecem ser seu oxigênio, ou melhor, o oxigênio de sua poesia. Elas não são escolhidas a esmo, nem ao menos se encaixam nos poemas por pura sorte, são trabalhadas, lapidadas como um diamante bruto, para que possam chegar ao auge da significação semântica ou metafórica.

É na relação com as palavras que se pode perceber outra característica constante nos textos barrenses: a arte de criar, ou ainda

reinventar, vocábulos. O poeta utiliza variados recursos para dar vida a palavras que não estão no dicionário, tais como prefixação, sufixação, justaposição, derivação imprópria, metaplasmos. O falar “manoelês” não exige apurados conhecimentos lingüísticos do leitor, ao contrário, muitas vezes lembra aquele falar simples do povo interiorano que acaba por “reinventar” palavras já existentes para prosear ou comunicar fatos do cotidiano.

Manoel de Barros parece ter preferência pelo não-convencional, sua poesia, recheada de palavras “arrombadas”, como ele próprio as denomina, e neologismos inusitados, carrega ainda em seu corpus uma sucessão de agramaticalidades. Há uma constante quebra das regras da sintaxe, da morfologia e da fonética, o que à primeira vista pode parecer um desconhecimento total da gramática, mas, após uma leitura minuciosa, mostra-se como uma grande habilidade de Barros. O poeta burla as regras do sistema exatamente por conhecê-las a fundo, por saber os efeitos por elas causados, e, assim, conseguir os resultados por ele pretendidos.

Essa riqueza e diversidade vocabular, essa agramaticalidade empregada em seus textos, resultam numa riqueza metafórica. As metáforas, nos textos de Barros, não estão calcadas exclusivamente nas palavras, a metaforização transcende a mera mudança do sentido vocabular, e se relaciona com todo o período, ou melhor, o autor metaforiza todo o poema.

O trabalho intenso com as palavras e a rica composição de metáforas culminam numa explosão de imagens que se mostram ao leitor como uma sucessão de quadros. As imagens formadas nem sempre são claras e translúcidas, por isso exigem do leitor um desprendimento das regras, pois o autor, ao inventar palavras ou atribuir novos significados às já existentes, faz com que a leitura seja feita através de uma viagem ao seu próprio mundo. Barros esculpe palavras, brinca com elas e ignora as leis gramaticais, deixando de lado conectivos, modificando regências e, assim, introduz um ritmo a seu jogo imagético. Manoel de Barros é um pintor nato que, ao invés de pincéis, utiliza palavras para desenhar ante os olhos dos leitores de seus poemas, seu mundo.

Com esses recursos, Manoel de Barros acaba compondo uma metapoesia, o que permite afirmar que a poesia é um dos temas cen-

trais da produção literária do autor. E é exatamente neste ponto que a infância toca as obras barrenses. Para ele, o poeta deve ser como a criança, livre, criativo, com seu olhar voltado para o simples, mas enxergando o belo na simplicidade, e o fazer poético deve ser tal como as atitudes de um infante, ter sua lógica desconexa, cometer seus “despropósitos”, fazer suas “peraltagens”.

Ao perpassar os olhos sobre um poema barrense, não há quem não sinta uma certa inquietude, uma agonia em seu interior. A razão parece não acreditar naquilo que a leitura mostra. Toda a riqueza vocabular, com palavras tocadas pela magia da transposição de sentidos, toda a construção metafórica, toda a sucessão de imagens, convidam o leitor a abandonar sua lógica e se transportar para um mundo fantástico criado pelo poeta, onde a única razão existente é a dos sonhos, da criatividade e da imaginação de uma criança.

A infância é um tema constante nas obras de Manoel de Barros e está quase sempre ligada ao fazer poético, à criatividade do poeta. Em *Exercícios de ser criança*, o autor traz à tona esta ligação entre o poeta e a criança. O livro é constituído por duas narrativas distintas, mas que apresentam um tema comum: a força criativa e imaginativa do infante.

Neste livro, Barros adota uma linguagem desprovida de cunho pedagógico, sem qualquer pretensão de passar uma mensagem moralizante, e que é, ao mesmo tempo, simples e repleta de metáforas e imagens. Desta forma, consegue transportar o leitor, desde a criança até um adulto, a um mundo lúdico, mágico, onde a maior riqueza é a criatividade.

O livro tem um colorido especial que chama atenção já no primeiro olhar. Mas a surpresa maior acontece quando o leitor entra em contato com as ilustrações, que estão repletas de elementos simbólicos e travam um diálogo constante com o texto. Há uma intensa relação entre os bordados e a história, pois esta acaba por se tornar visível através das figuras bordadas. Desta forma, o texto pode ser lido através de suas palavras e, ao mesmo tempo, visto através de suas ilustrações. Existe também uma outra relação entre o bordado e o texto, pois bordar é um trabalho manual, assim como escrever. Ambos exigem sensibilidade, imaginação e criatividade.

As personagens das duas narrativas presentes no livro não são nomeadas, o que permite ao leitor usar sua imaginação para personalizá-las ou, até mesmo, se colocar no lugar das personagens, sentindo-se parte da história e embarcando no mundo lúdico e fantasioso que se lhe apresenta. Esta estratégia do autor, por assim dizer, dá liberdade ao intérprete, que pode colocar-se dentro da história, vivenciando-a, ou manter-se afastado dela como mero espectador.

Há uma pergunta que está presente durante todo o livro, sendo recorrente nas duas narrativas, mas que é mais facilmente percebida na primeira: o que é ser poeta? A resposta parece estar já no título apresentado pelo poeta – *Exercícios de ser criança*. É exercitando a criança interior que, assim como no devaneio descrito por Bachelard (1996, p. 5), pode-se encontrar a verdadeira criatividade, a imaginação e a autenticidade tão necessárias ao trabalho poético. Ser poeta é ser criança na sua mais doce e profunda criatividade ante as coisas do mundo, é ver o mundo através de um olhar infantil, curioso, destemido e, por isso, inventivo, criador.

Nesta obra, Manoel de Barros convida o leitor a mergulhar no mundo da imaginação e da criatividade através de peneiras, peixes, pássaros, pedras, caixotes e latas de goiabada. Os elementos inusitados ganham vida poética através da imaginação infantil, que consegue fazer longa viagem sem ao menos sair do quintal da própria casa.

Em *Memórias inventadas – A infância*, o sujeito que se revela como *eu* na prosa poética apresenta ao leitor uma série de lembranças de sua infância. Neste livro o eu poético permite ao leitor que entre em contato com alguns de seus devaneios voltados para a infância. Nele, as memórias são apresentadas não como acontecimentos históricos, em que se descreve exatamente aquilo que aconteceu nos tempos de infante; antes, são memórias que foram inventadas, como o próprio autor afirma já no título, memórias estão impregnadas pela magia e beleza da poesia, memórias que foram enriquecidas pelo imaginário, possibilitando, assim, ao escritor recriar, reinventar a infância. Há uma declaração de Manoel de Barros que parece explicar o que o poeta pretende em seu fazer literário e, conseqüentemente, neste livro: “Você não conhece aquela frase minha? Tudo que eu es-

crevo, noventa por cento é invenção, só dez por cento que é mentira.” (informação verbal em *Manual de Barros*).

A infância é descrita neste livro como o tempo ideal, como a morada da felicidade. É o tempo das descobertas, do contato e comunhão com a natureza, onde tudo se torna belo, onde o trivial passa a ter valor, a merecer destaque e atenção por parte do autor. Ainda criança, Manoel de Barros descobre o poder e as possibilidades infinitas do escrever, ou seja, se percebe autor, e passa a compreender o quão criativo e libertador pode ser o trabalho poético. *Memórias inventadas – a infância* conta as curiosidades e descobertas infantis vivificadas no devaneio do eu poético.

O livro foge aos padrões de publicação. Em lugar de uma capa, tem-se uma caixa; em lugar da encadernação, depara-se com algumas fichas soltas, em tom amarelado, que são depositadas dentro da caixa. Esta forma de apresentação do livro é mais uma riquíssima metáfora. A caixa, onde são colocadas as fichas, funciona como o cérebro, a caixa da memória, ou mesmo como aqueles baús onde depositamos papéis, fotos; enfim, lembranças do passado. As fichas estão amareladas, em tom envelhecido, como as lembranças de um tempo longínquo que, por permanecer guardadas, ganharam a cor do passar dos anos. Elas se encontram desprendidas, são como nossas memórias, estão sempre soltas e, por isso, não se apresentam com linearidade, surgem ao léu, de maneira inesperada. A memória é fragmentada; assim, uma lembrança suscita a outra sem que, necessariamente, uma aconteça após a outra, não há limites de tempo ou espaço para as memórias, elas estão livres, ou melhor, estão soltas.

As ilustrações de Martha Barros, filha do autor, parecem dialogar com o texto, pois seguem a mesma característica de transfusão com a natureza. Suas gravuras apresentam ao leitor elementos que se confundem entre si, pois ora lembram animais, ora lembram plantas e, algumas vezes, parecem sugerir ambos os elementos na mesma pintura como se estivessem transfigurados, fundidos em um só ser. As iluminuras de Martha, assim como os poemas de Manoel de Barros, estão em comunhão com a natureza.

Neste livro, Barros opta por escrever sob a forma de prosa-poética, afastando-se um pouco da estrutura versificada da poesia e lançando mão de frases corridas. Ainda que formalmente não esteja

presente, a poesia está impregnada em cada parte e em cada frase do livro. Ao utilizar esta forma discursiva, o autor acaba por fugir a seu estilo habitual, e, ao mesmo tempo, se esquivar da estrutura prosificada característica das biografias. Este já é um indício do que vem a ser este maravilhoso livro: uma autobiografia poetizada, recriada, inventada.

Em *Memórias inventadas – A infância*, Manoel de Barros convida o leitor a penetrar em sua infância reinventada, apresentando-lhe os elementos com os quais teve contato enquanto criança e que, até hoje, permeiam seu fazer poético. O leitor passa, então, a ser um cúmplice dessa viagem ao passado para resgatar falsas memórias, pois, enquanto se entrega à leitura do livro, pode enxergar a natureza, encontrando-a em pequenos detalhes e, assim, sentir seu cheiro, seu gosto e perceber sua singela grandeza.

Durante a leitura dos textos, torna-se evidente a importância do trabalho com as palavras. O poeta é incansável em sua busca pela melhor palavra, a mais sonora, a mais bonita, a que melhor se ajuste aos propósitos de sua escrita; para ele, o mais importante não é o significado que a palavra carrega, mas a palavra em si, o seu significante, capaz de produzir efeitos de sentido. Assim, há preferência por aquela que permite ser transmutada pela criatividade; por isso, percebe-se a utilização de palavras que não estão no auge de sua significação, pois estas ficam mais suscetíveis a aceitar o novo significado, a nova função que Barros lhes atribui.

Os textos barrenses estão recheados de vocábulos que dificilmente são encontrados em poesias, ou seja, que formalmente não são vistos como material poético, mas nos poemas desse autor ganham vida, cor, cheiro e gosto de poesia. Elementos do cotidiano, materiais como lixo, fezes, caramujos, musgo, lesmas, latas, lodo, moscas, são recorrentes nos textos de Manoel de Barros. O autor tem preferência por este tipo de palavras; palavras que surpreendem o leitor, pois são, aparentemente, tão triviais e inúteis, mas, ao mesmo tempo, através do trabalho de Barros, imprimem tanta beleza e singeleza a seus textos.

A natureza é outro tema recorrente nos poemas de Manoel de Barros, mas o autor não a descreve; antes, procura recriá-la, dando vida aos elementos naturais e fazendo uma espécie de transfusão

com eles. Pedras, rãs, garças, pássaros, rios, árvores, tudo isso impregna as obras do autor. Há uma valorização daquilo que vem da natureza, das coisas que já habitam o mundo antes mesmo do ser humano, em detrimento daquilo que é criado pelo homem, da tecnologia, da modernidade. Barros não faz um culto à natureza; antes convida o leitor a enxergar-se dentro dela e a sentir-se parte dela.

Através do trabalho com as palavras, onde há a invenção de novos vocábulos, bem como a utilização dos já existentes na língua de maneira inesperada, através dessa “brincadeira”, desse jogo proposto por Manoel de Barros, acontece uma explosão metafórica. As metáforas estão presentes em todos os textos, desde o título até a última linha dos poemas. Há não só a metaforização da própria palavra, mas este recurso se espalha transformando todo o texto numa grande e bela construção metafórica.

E a infância? Afinal, como a infância está presente na produção literária de Manoel de Barros? A infância aparece como o tempo ideal, o tempo das descobertas, onde tudo é belo, onde há a verdadeira liberdade – a liberdade de criar. Por isso, a todo momento percebe-se a comparação entre a criança e o poeta. Barros mostra, através de suas obras, que a infância é a verdadeira morada da criatividade e da imaginação, a criança é autêntica em sua natureza e, por isso, a infância é deflagradora da escrita. Nos tempos de infante, o homem está mais aberto para as experiências sensoriais que o mundo lhe proporciona. Nesta fase, há uma maior receptividade das coisas que são naturais, há mais comunhão com as coisas primeiras, pois a criança não questiona, não faz comparações, a criança sente, vivencia, experimenta cada emoção, cada contato com a terra, com as árvores, com os bichos, enfim, com o mundo. Assim, para Manoel de Barros, o poeta deve ser como o infante, deve resgatar sua criança interior para alcançar a verdadeira força imaginativa e criativa e, dessa forma, cometer novamente traquinagens e peraltices, mas, agora, com as palavras.

Nossa moderna sociedade está ocupada demais com seus compromissos e tão voltada para suas tecnologias e inventos que esquece, ou ignora, a força e a importância da natureza, desvaloriza as coisas primeiras, mais simples e, paradoxalmente, grandiosas, e, acima de tudo, a sociedade sufoca sua criança interior. O contato com

os livros *Exercícios de ser criança* e *Memórias inventadas – A infância*, mostra-nos que temos muito o que aprender com o poeta Manoel de Barros. Os textos barrenses nos ensinam que devemos olhar o mundo com os olhos de uma criança e, assim, enxergarmos a beleza nas coisas mais simples, conservando o encantamento infantil ante as coisas mais comuns e corriqueiras, devemos valorizar o não-valorizado, percebendo que o verdadeiro valor não está no preço ou no tamanho das coisas, mas na intimidade que temos com elas, devemos preservar a imaginação e a criatividade latentes no infante e, acima de tudo, precisamos conquistar a comunhão existente entre a criança e a natureza.

Manoel de Barros demonstra que a nossa sociedade precisa sentir-se um pouco mais árvore, deixar-se fluir como um rio, falar como cantam os pássaros, ser um pouco mais pedra. Falta-nos alcançar uma visão comungante que permita a ampliação de nossos horizontes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BARROS, Manoel de. *Arranjos para Assobio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

———. *Cantigas por um passarinho à toa*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

———. *Exercícios de ser criança*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

———. *Gramática Expositiva do Chão* (Poesia quase toda). 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

———. *Manual de Barros*. Mato Grosso do Sul: Canal Brasil. Entrevista e filme produzidos por Joel Pizzini.

———. *Memórias Inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

———. *Memórias Inventadas: a segunda infância*. São Paulo: Planeta, 2006.

BARTHES, Roland. *Aula*. 9ª ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2001.

DUFRENNE, Mikel. *O Poético*. Trad. Luiz Arthur Nunes e Reasyllvia Kroeff de Souza. Porto Alegre, Editora Globo, 1969.

FERREIRA, Virgílio. *Arte Tempo*. [S.l.] Edições rolim [1988?]

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 3ª ed. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1999.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1997.

Ricoeur, Paul. *Teoria da Interpretação*. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1997.